

## O JOVEM GILBERTO FREYRE NA REVISTA DO MADURO MONTEIRO LOBATO

Cassiano Nunes

Ainda rapazote, lendo velhos números da *Revista do Brasil* (1ª fase) – a de Monteiro Lobato –, adquiridos num “sebo” de Santos, que freqüentava, foi que tomei conhecimento de Gilberto Freyre. Por conseguinte, no meu espírito, nunca deixei de relacionar Gilberto Freyre com Monteiro Lobato. Há qualquer coisa de auroral que une o autor de *Casa-Grande & Senzala* ao contista de *Urupês*. Ambos mostraram-se ansiosos por antever e captar os traços mais relevantes, as características mais legítimas da Nação Brasileira. Ambos insistiram em mostrar um Brasil autêntico, verdadeiro, às vezes, talvez deficiente, opondo-se ao conservantismo, ufanista, patrioticamente mistificador. Para o jovem Gilberto Freyre, já tão afirmativo, Monteiro Lobato representava um literato afim, com um pouco mais de experiência e uma revista disposta a abarcar todos os sinais positivos de criatividade nacional.

Não se deixe de notar que, em 1933, quando o escritor pernambucano, publicando *Casa-Grande & Senzala*, conquista a atenção do público leitor brasileiro, Lobato já está inteiramente devotado às fatigantes e absorventes campanhas em prol do ferro e do petróleo. Em outras palavras, o celebrado criador de Jeca Tatu desertara da carreira literária... o contista famoso, tendo conhecido o progresso dos Estados Unidos, estava decidido a não mais aceitar o atraso de sua Pátria e entregava-se, por inteiro, à superação do

primitivismo do “gigante adormecido”, através da conquista da tecnologia moderna. Em suma, o beletриста abandona a sua banca de escritor e mete-se no mundo dos negócios. Foi uma deserção – ou mudança – que Gilberto Freyre jamais cometeu. Mesmo a sua incursão na área política, de certo modo, significava uma atitude adequada de escritor num tempo infortunado. A defesa da liberdade de expressão obrigava os escritores à ação política. O homem de Apipucos permaneceu sempre fiel à sua missão de sábio intérprete dos fenômenos da realidade nacional. É claro que estava sempre atento às possibilidades de desenvolvimento material do país, mas nunca se arvorou em empresário... Esta imprudência, impulsionada por elevado ideal, assinalou, de modo negativo, a biografia de Lobato.

O que em Lobato era mera intuição, em Freyre era intuição acrescida do saber antropológico, documentação histórica e pesquisa perseverante. Singularmente intuitivo, Lobato já na sua primeira obra publicada sobre o Saci-Pererê, em 1918, que saiu sem a sua assinatura, valoriza o emprego do inquérito e o registro da mitologia popular e ataca a invasão deformadora das influências estrangeiras. Faltou a Lobato, ser influenciável, variável, a fixidez de propósito de Gilberto Freyre, que deu sempre o primeiro lugar, na sua existência, à sua vocação de cientista social. Cientista social a quem não faltavam o gênio de escritor e o toque do poeta.

O importante, aqui, assinalar é que Lobato reconheceu logo a capacidade literária de Freyre e lhe concedeu amplo espaço na sua revista.

No prefácio que escreveu para a biografia de Gilberto Freyre, escrita por Diogo de Melo Menezes, Lobato, embora enfermo na ocasião, não deixou de dar um claro testemunho de sua admiração pelo singular escritor nordestino. Afirma que sempre o teve em alto conceito e assim se expressou: “Sempre, sim, repito, porque essa magnífica flor de inteligência brotada no Norte e aprimorada nas melhores universidades estrangeiras me é conhecida desde as suas primeiras manifestações.” Nesse prefácio, o intelectual taubateano evoca o modo como teve conhecimento do autor de *Casa-Grande & Senzala*. Oliveira Lima, numa carta, apresentara-lhe o moço brasileiro estudante na Universidade de Columbia e enviara dele um artigo para a *Revista do Brasil*. Lobato respondeu logo ao grande historiador e diplomata patricio, entusiasmado com a prosa de Freyre: “Que talento!

Que penetração! Que modo de escrever! Que estilo! Que elance *primesautier!*” em suma, o escritor-editor paulista queria “significar o que comumente a palavra gênio traduz!”

Inimigo do convencionalismo, da História Pátria que oferece ídolos em vez de verdades duras, Lobato, satisfeito, percebe no escritor nordestino o historiador brasileiro que vai mostrar o Brasil, como ele realmente é, e não a nação paradisíaca celebrada pelos ufanistas de plantão. Assim pensando, Lobato se expressa da seguinte maneira:

Estou velho e ‘sobrando’. O provável é que nunca venha a conhecer a futura *História do Brasil* de Gilberto Freyre, mas regalo-me como imaginá-la. Será o grande remédio eliminador que irá lavar a alma de nossos netos da penosa gavage de inseqüências com que os Mem Bugalhos Pataburros da historiografia nos entristecem há anos.

Felizmente, o Brasil do futuro não vai ser o que os velhos historiadores disseram e os de hoje ainda repetem. Vai ser o que Gilberto Freyre disser. A grande vingança dos gênios é essa.

A admiração de Freyre por Lobato, não obstante as diferenças que os separavam, também não era menor. No extraordinário artigo *Monteiro Lobato Revisitado*, comemorando o centenário do nascimento do antigo diretor da *Revista do Brasil* que o acolhera, o criador do lusotropicalismo esforça-se por avaliar, com a finura do sábio escritor que realmente era, a carreira do homem mais velho que marcara a sua mocidade. Já na primeira sentença Freyre interrogava-se a respeito das características primordiais do seu ilustre predecessor: “A cem anos de distância do dia em que nasceu Monteiro Lobato, qual a avaliação predominante, entre brasileiros, de sua por vezes vulcânica presença na cultura e na vida nacionais?”

Uma série de interrogações irrompe de sua pena meditativa, à maneira destas duas que não me furto a transcrever: “Mais homem de Letras que de ação ou o contrário? Mais crítico social – à maneira de um Mencken paulista – que escritor literário?”

A conclusão a respeito desse ser vulcânico, que se derramava à maneira de lavas, surge como não poderia deixar de surgir: Lobato foi um grande inquieto, nada sistemático, sempre disposto aos maiores riscos pelo que, no momento, seduzia sua imaginação. Passava rápido da convicção para a ação, sem suspeitar das conseqüências desastrosas.

O pensador de Apipucos, penetrante, assinala o que antes de qualquer outra coisa lhe chamou a atenção no escritor Lobato: “Ter sido (ele) criativo e original. Um modelo concreto no gênero. Uma nova maneira de um escritor literário em língua portuguesa.”

Percuciente, Gilberto Freyre também nota que Lobato, em certos pontos, se antecedeu aos modernistas. E, diferente deles, foi modernamente inovador, instintivo, sem se curvar a vanguardas estrangeiras.

Freyre também logo viu, na sua juventude tão especial, animada pela mais viva curiosidade intelectual, que em Lobato “...o escritor literário se desdobrava em crítico social.” O autor de *Nordeste* recorda, então, os artigos que mandou para a *Revista do Brasil*: um artigo sobre a *História da Civilização* de Oliveira Lima e outro sobre o pintor Vicente do Rêgo Monteiro, que ficou meu amigo na fase conturbada que vivemos, ambos, na Universidade de Brasília. Mas não foram apenas esses dois artigos que o moço excepcional mandou para a importante publicação. Mais dois artigos com sua assinatura foram aí publicados. A eles me referirei dentro em pouco.

Praticamente, o Mestre nordestino conclui o seu artigo afirmando que Lobato, não obstante algumas tendências negativas do seu espírito – felizmente de caráter secundário – impôs-se pelo seu vigor literário de percepção e expressão. Finaliza essa avaliação, sentença bem típica de Freyre que, como Lobato, se esmerava tanto na percepção como na expressão:

Pode-se dizer que, nesse particular, Lobato foi, em São Paulo, uma espécie de nordestino empenhado, teluricamente, pelo sofrimento do brasileiro pobre ou desvalido, em franciscanizar a língua portuguesa, abasileirando-a em língua de brasileiro mais do Nordeste que dos brasis ricos.

Num velho artigo, escrito em sua juventude, o moço antropólogo tinha assente uma idéia que, por infortúnio, nunca Lobato teve, ou se a teve, foi vencido pelas circunstâncias. Trata-se do seguinte: o escritor existe para escrever e não para cuidar de outras áreas: por exemplo, a da administração de empresa. Nesse artigo, assim se explicita o grande escritor:

duvido da competência e da disposição mental de um grande jornalista para dirigir um grande jornal. A aptidão do grande jornalista não é de dirigir o grande jornal: é de praticar o grande jornalismo. A crônica. A reportagem. A entrevista. O inquérito. Em Assis Chateaubriand, por exemplo, a rotina de deveres de diretor de jornal está sempre prejudicando o grande jornalista, o perfeito repórter.

Mas em todo este assunto que venho procurando desenvolver – a inaptidão dos talentos criadores para conservar e administrar – o que me parece de valor prático é concluir pela necessidade e até urgência duma nova função do Estado: o inverso de sua função de caridade e assistência a velhos, dementes etc. Cumpra ao Estado atual manter os artistas, cientistas e escritores reconhecidamente criadores por meio de um imposto de admiração sobre a burguesia simplesmente conservadora.

Eis uma inspiração de Freyre, utilitária como as de Lobato, apenas mais fina. Esta proposta de Gilberto Freyre, lançada no meio da década de vinte, só agora começa a ser levada a sério...

Freyre e Lobato foram testemunhas revoltadas da inércia da oligarquia dominante. O grande drama político do Brasil é que a mentalidade latifundiária prefere o poder ao dinheiro, ao progresso capitalista... Ela não troca a propriedade entevada e entravada pelo enriquecimento maior, ou seja, o capitalismo progressista, que pode oferecer melhores oportunidades aos pobres, sem propriedade nenhuma. Um brasilianista norte-americano descobriu, no Brasil, que, no princípio do século, os senadores de Goiás atuavam no sentido de impedir a construção de estradas no seu Estado, na época possivelmente o Estado mais atrasado do Brasil! Os oligarcas sabiam que as estradas trazem, com o progresso, gente nova, candidatos ao poder, de mentalidade mais criativa.

De acordo com o informe de Tânia Regina de Luca em *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação*, quatro foram os artigos de Gilberto Freyre que encontrei, ao folhear toda a coleção da primeira fase do importante mensário: a lobatiana. Mas há ainda duas páginas referentes à vida cultural em que a figura do escritor-antropólogo aparece, predominante. A primeira no número de março de 1920. Nele Freyre refere-se ao discurso de Mrs. Ira Clyde Clarke, colaboradora do *Pictorial Review* que elogiou o nível educacional da mulher do Sul. O estudante excepcional corrobora o testemunho da oradora nos seguintes termos:

A mulher sul-americana é progressista porém não se esquece de que cozinhar o jantar do marido é uma das suas obrigações. Ela não se descuida dos seus afazeres do lar. É a mais extremosa das mães, a mais carinhosa das irmãs e creio – a experiência o confirmará – a esposa mais dedicada do mundo.

Mais adiante, o correspondente descreve o que estudavam as moças sul-americanas da época: “A moça sul-americana é educada num colégio ou em estudo particular. Talvez ela não adquira uma boa educação completa. Muito cuidado é dedicado às línguas, música, bordados e outras cousas são negligenciadas.” Depois dessa descrição genérica, Gilberto Freyre refere-se a mulheres brasileiras que se destacaram: Guiomar Novais na música; Fédora Rêgo Monteiro na pintura; Júlia Lopes de Almeida e Albertina Berta na Literatura; e, no teatro, a notável trágica Itália Fausto.

Há na *Revista do Brasil*, número de julho de 1922, a notícia de uma Festa da Língua Portuguesa na Universidade de Columbia. Nela, o jovem estudante de Pernambuco se solidariza com os participantes da festividade e confessa o seu amor ao idioma porém não aos puristas.

Passa-se, agora, ao comentário dos quatro artigos de Gilberto Freyre publicados com destaque na revista de São Paulo. O primeiro trata da *História da Civilização* de Oliveira Lima. Segue-o outro sobre Vicente do Rêgo Monteiro. O terceiro é sobre o livro de Isaac Goldberg *Brazilian Literature* e o quarto e último discorre sobre *As tendências atuais da Literatura Americana*.

Em primeiro lugar, o que revelam esses artigos são uma inteligência dinâmica, elasticidade de linguagem e imediatez de observação. Relendo há pouco a obra *Insurgências e Ressurgências Atuais* do Mestre, escrita já na velhice, notei que o seu estilo se tornou mais digressivo e, às vezes, repetitivo. O jovem Freyre vê tudo claramente, com uma total ausência de preconceitos e de respeito pelos padrões acadêmicos. Seu artigo sobre a *História da Civilização* de Oliveira Lima, que elogia o respeitado historiador, aponta igualmente, sem nenhum temor, algumas falhas do mestre insigne. Vejamos o texto do moço liberado:

Tudo isto está saborosamente dito. Livre da neurose verbal que no sr. Rui Barbosa como no sr. Coelho Neto chega a ser

por vezes patológica, o sr. Oliveira Lima dá em meia página a síntese dum tipo de cultura. Em alguns casos vai ao exagero e, na ânsia de economia, ensardinha palavras. Noutros procura dizer quase num só fôlego, numa sentença só, o que ficaria melhor em duas ou três. Não poucas vezes ao ler a *História*, senti a tentação de partir a meio sentenças. Aliás, o defeito é velho no sr. Oliveira Lima; encontrei-o em *Pernambuco e seu Desenvolvimento Histórico* e em *Aspectos da Literatura Colonial do Brasil*.

A crítica do estudante da Universidade de Columbia ao seu amigo idoso e importante não se limita ao estilo mas também ao pensamento. Assinala, no ancião, a significativa falha de não dar, no seu panorama histórico, a devida importância ao fator econômico. Leiâmo-lo:

Creio que o reparo mais desfavorável que se possa fazer ao recente livro do sr. Oliveira Lima é o lugar subalterno que, na hierarquia dos fatos, dá o autor ao elemento econômico. Aliás, este reparo que lhe fiz em carta, aceita-o o sr. Oliveira Lima; apenas o justifica, ou antes o explica, com a escassez do espaço. Dada, porém, a limitação do espaço, o material a sacrificar deveria ser outro, não o econômico.

Embora saliente justamente a importância do fator econômico, o jovem antropólogo não apóia o exagero dos escritores marxistas que querem explicar tudo por meio dos fatores econômicos.

Termina Freyre o seu artigo, meditativo, antagonizando o autor da *História da Civilização* e aqueles que vêem na vida moderna o triunfo do progresso. Opõe-se o moço agudamente à conclusão do historiador que acha que “os fatos acusam e a história registra um progresso constante.” Protesta Gilberto:

Temo parecer amargo mas lícito me seja perguntar: Que fatos? Que História? ( ) muito difícil provar que nós, os do século XX, no meio das nossas máquinas, fábricas, vitrolas, casarões de trinta andares, *jazz-bands* e outras maravilhas vivemos vida superior à dos gregos.

E conclui: “Falta cor e falta alma à nossa vida.” Parece-me que essas observações incomuns na sua época, tornaram-se, hoje, muito atuais!

Em *Notas a Lápis sobre um Pintor Indiferente*, o articulista salta para outra área: a da Arte, mais particularmente, a das Artes Plásticas.

Sente-se, nesse artigo, que o moço intelectual já conheceu outro ambiente diverso do anglo-saxão. É o sentimento irradiante de Paris que se percebe no seu artigo. Encontra o escritor, na Cidade-Luz, um patricio, um conterrâneo, que lhe reaviva esse sentimento fundamental que, fiel, nunca o abandonou: a paixão da pernambucanidade. Eis como focaliza o seu amigo brasileiro, fraterno, Vicente do Rêgo Monteiro:

É talvez o mais pessoal dos nossos pintores. Agudamente sensível a tudo quanto é, nas sete Artes, nota individual e sincera, é ele próprio um independente, um sincero. Indivíduo de ânsias e sonhos, é quase um místico. ( ) É o jovem pintor um rebelde contra a insinceridade acadêmica e contra certas tendências de estagnação como o impressionismo chamado expressionismo. Em resumo, é um revolucionário.

Gilberto Freyre, por fim, informa-nos que Vicente do Rêgo Monteiro "...foi encontrar afinidades no recuo da primitiva arte cristã."

O terceiro artigo de Gilberto Freyre na *Revista do Brasil* é, na minha opinião, o mais vivaz dos quatro. É também o mais clarividente e, nele, o escritor chega a lançar uma teoria que é, pelo menos, sugestiva. Vejamo-la:

Faz o livro (o de Goldberg) vir-me à tona da memória uma teoriuzinha meio à Wells que me dei uma vez o luxo de formular. Ora vede: dizia Lemaître que a crítica dos contemporâneos é conversa. Isto por causa da proximidade entre crítico e autor. Meu arremedo de teoria é que semelhante proximidade é evitável. Como? Por meio dum quase milagre de transubstanciação: de contemporâneo a pósteros. Em outras palavras fazendo que a distância das ondas faça às vezes da distância dos séculos.

Adiante, entende-se melhor:

O espectador distante não é um mero contemporâneo; Mr. Goldberg, por exemplo, deve sentir-se com relação aos fenômenos atuais da nossa literatura — Coelho Neto, Graça

Aranha, Monteiro Lobato — no ano 2000 ou 3000, à maneira dalgum fantástico personagem de Wells. ( ) Parece-me pois perfeitamente razoável admitir que as distâncias atlânticas possam fazer as vezes das seculares.

Não terá sido, de certo modo, essa a situação do criador de *Novo Mundo nos Trópicos*: a de um intelectual que, estudando o nosso passado, ia sempre inflexivelmente prevendo o nosso futuro?

Antepondo-se a Medeiros e Albuquerque que acha “superficial e pedante” e chama de “pernambucano afrancesado”, Freyre apóia Goldberg que isola os autores para estudá-los, desligando-os dos grupos, dos *ismos*. Freyre, mais fiel à estética do que à sociologia, destaca os autores pelos seus trabalhos artísticos, pelas qualidades individuais.

O quarto e último artigo da série, intitulado *Tendências Atuais da Literatura Americana*, deve ter sido altamente revelador para os brasileiros da década de 1920, em que foi publicado e em que predominava a cultura francesa.

Do ponto de vista dos que, nos últimos anos, têm estudado atentamente as Letras Americanas, esse trabalho apresenta pouco interesse. Esse artigo abriu, com destaque, o número de dezembro de 1923, da revista comentada. Sinal do prestígio que o moço pernambucano já granjeara na redação paulista.

Não apóio o articulista da Universidade de Columbia ao considerar que Theodore Dreiser, Sherwood Anderson e Sinclair Lewis faziam mais reportagem do que ficção artística. Mais seguro, ele aponta “...a ânsia de introspecção social em *Spoon River Anthology* de Edgar Lee Martsers” – experiência poética das mais ousadas. A lucidez de Freyre é completa ao analisar os ensaístas americanos da época. Deles diz: “É uma ânsia, a desse grupo de escritores, do sentido íntimo que os rodeia; um desejo que às vezes se aguça em tortura, de compreender e interpretar a vida nacional no que ela tem de mais seu e ao mesmo tempo de universal; de sondá-la nas correntes subterrâneas.” Perfeitamente assinala o papel importante na crítica social dos escritores Henry Mencken, Van Wick Brooks, Ludwig Lewinson. Em suma, Freyre já anuncia a importância antevista em Carl Sandburg, Vachel Lindsay, Amy Lowell e especialmente no grande Eugene O’Neil — talvez o maior trágico do nosso século.

Enfim, termino salientando o apoio de Lobato a Freyre que

comprovou a “lucidez generosa” do líder de tantas campanhas. Ele estava sempre pronto a revelar, a facilitar a carreira dos grandes brasileiros que surgiam nas áreas das Letras, das Artes e das Ciências. Harmoniosamente, em Gilberto Freyre, Lobato exaltava o escritor, o artista e o cientista.